

LEITURA DE SI, ENCONTRO COM O OUTRO: IDENTIDADE E POESIA NO ENSINO DE LITERATURA

Sarah Diva da Silva Ipiranga (UECE/CAPES)¹

RESUMO: O trabalho em questão apresenta uma proposta de leitura e ensino de poesia, dentro da Linha de pesquisa “Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes”, do PROFLETRAS. A partir da experiência com a literatura na disciplina “Leitura do texto literário”, discutem-se e analisam-se as condições de produção e leitura da poesia do escritor cearense Jáder de Carvalho (1901-1985), tendo por eixo de estudo os conceitos de identidade, história e memória. A partir desses conceitos, uma metodologia de fundo comparatista incide sobre o objeto, cuja meta de análise é mostrar como a disposição temática e estilística dos poemas estudados promove no educando um processo contínuo e fértil de identificação, como também incita posturas ativas de leitura, ao transformar a recepção literária num jogo de compartilhamento de experiências.

Palavras-chave: poesia, identidade, memória

ABSTRACT: The present paper presents us a proposal of analysis and teaching of poetry within the line of research “Textual reading and production: social diversity and teacher’s practices” from PROFLETRAS. From the experience with literature on the subject “Reading of literary text” we discuss and analyze the conditions of production and reading of Jáder de Carvalho’s (1901-1985) poetry having as axis of our study concepts such as identity, history and memory. From these concepts, a methodology of comparative background focuses on the object. Its goal is to demonstrate how the thematic and the stylistic disposition of the studied poems promotes a continuous and fertile process of identification in the student, as well as incites active reading postures by transforming literary reception in a play of shared experiences.

Keywords: poetry, identity, memory

¹ Este trabalho faz parte da Pesquisa de Pós-Doutorado (“Infância, memória e formação na poesia de Jáder de Carvalho”), apoio **CAPES**, realizada no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa (Supervisão: Prof^a Dr^a Paula Morão).

As formas de estar e ser de um povo passam necessariamente pela legitimação de suas manifestações culturais, sendo a literatura um espaço simbólico privilegiado. No caso do Brasil, cuja história é um tecido permanentemente em elaboração, com uma multiplicidade de agentes sociais e versões diversas de sua própria existência, essa disposição para os constructos identitários encontra na palavra literária um depósito fértil, por vezes antagônico, de imagens e representações.

Se pensarmos na diversidade regional que marca a nação brasileira, tal questão torna-se ainda mais complexa, visto que, em virtude da imigração, das relações entre raças, das condições climáticas e do solo, há disparidades gritantes entre as regiões, sejam sociais, econômicas ou culturais. Essa plethora de identidades traz para o ensino um desafio maior ainda do que se poderia imaginar. No *locus* privilegiado das ações educativas, a escola, que se configura como espaço de formação e sedimentação dos conhecimentos que tratam do indivíduo e do grupo a que pertence, a multiplicidade de saberes por vezes transforma-se num intrincado jogo que incita os educadores a várias tentativas de compreensão do enfrentamento que lhes é constantemente interposto.

Estes desafios, que são a batalha de frente e de sempre da educação brasileira, tiveram na iniciativa do PROFLETRAS mais uma intervenção de alcance e articulação nacional. Voltado para a formação de professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, objetiva contribuir efetivamente para “o aumento do nível de qualidade de ensino dos alunos do EF, com vistas a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência desses alunos no que se refere às habilidades de leitura e escrita” (2013, p. 6)². Dentro das linhas de pesquisa oferecidas na Área de Concentração - Linguagens e Letramento, destaca-se a que empreende um aprofundamento nas questões acerca da literatura: “Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes”. A partir das possibilidades de atuação que a linha oferece, a literatura, ou melhor, a leitura literária, mostra-se hoje um dos campos mais profícuos em termos de investigação teórica e prática educativa.

Assim, em função da experiência do trabalho investigativo acerca do texto literário desenvolvido com os alunos-professores do PROFLETRAS e das

² Ver projeto completo do PROFLETRAS – LETRAS EM REDE NACIONAL – Mestrado Profissional –IES Coordenadora: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. http://www.comperve.ufrn.br/conteudo/images/tit_informacoes.gif

questões teóricas, práticas e culturais que essa mesma experiência suscitou, apresentamos neste artigo uma proposta de *Ensino de poesia em sala de aula*. De uma forma bem específica, trata-se do estudo da obra do escritor Jáder de Carvalho (1901-1985), cearense de Quixadá (Serra do Estêvão), e da proposição de modos de leitura afinados com os propósitos do curso. Como veremos mais detalhadamente à frente, a poesia jaderiana tem aportes seguros tanto no memorialismo quanto nos temas regionais e na problematização social. Ou seja, num mesmo discurso poético intervêm linhas essenciais para o ensino de literatura (*identidade, história, e memória*) que pretende tornar o aluno consciente do seu estar no mundo e da possibilidade de entendê-lo de forma múltipla e profunda. O objetivo é analisar as potencialidades literárias do texto, bem como as relações com os códigos linguístico e cultural e estabelecer uma ‘ação de leitura’ na qual os elementos analisados sejam recuperados de forma a dar aos alunos uma possibilidade de identificação e posterior construção do conhecimento tanto das questões de estética, que são inerentes ao fato literário, quanto dos saberes que nele estão envolvidos.

Para tornar a proposta mais clara, há de início uma pequena biografia do autor, com uma explanação sobre sua obra. Logo depois, proceder-se-á à análise, que enfatiza a sua poesia no que ela pode apresentar de reflexão sobre *memória natural, memória pessoal e memória cultural*, para usarmos uma classificação de Helena Buescu (2001). Assim, equilibrando vários níveis de leitura (pessoal, coletivo, histórico, regional), o trabalho desenvolvido nas práticas educativas busca trazer uma reflexão sobre as condições de produção de um escritor nascido no interior do sertão cearense, perceber como essas condições foram geradoras de um discurso poético singular, de sofisticada qualidade literária, mas que se apresenta num registro próximo pela cumplicidade de elementos e experiências retratadas. Não se trata, faz-se necessário advertir, de um esforço baseado apenas na perspectiva regional, se entendida como separação do indivíduo do contexto nacional mais amplo. A visão que aciona este trabalho busca estabelecer uma perspectiva comparatista do saber, percebido em sua mobilidade: do individual ao social, do local ao universal. Para que esse esforço seja exitoso, o ensino precisa partir de uma linha comum, a *leitura de si*, para aportar numa dimensão mais ampla, o *conhecimento do outro*, mediada pela literatura, no caso a poesia de Jáder de Carvalho.

O homem e seu tempo

Jáder de Carvalho nasceu no início do século passado (1901), na Serra do Estêvão (Quixadá). Jovem veio para Fortaleza e na cidade conseguiu estabelecer-se numa multiplicidade de atividades que atestam a envergadura do seu talento. Foi professor, sociólogo, advogado, jornalista e escritor, construindo uma trajetória pessoal que está intrinsecamente ligada à história do Estado e às suas configurações políticas, sociais e literárias. O reconhecimento no mundo das letras deu-se sobretudo pela ênfase social dos textos em prosa (*Sua majestade, o Juiz; Classe média* e *Doutor Geraldo*) e pela poesia de temática social/nordestina (*Terra bárbara* e *Terra de ninguém*). No entanto, sua poesia lírica merece destaque pelo acento literário especial, em livros que tratam da sua infância (*Menino só*), da formação por que passou na mudança para a cidade (*Rua da minha vida*), do envelhecimento e da morte (*Delírio da solidão* e *Cantos da morte*).

Verifica-se, todavia, que a despeito da qualidade da sua obra (Carvalho foi ganhador do *Prêmio Olavo Bilac* da Academia Brasileira de Letras e admirado por Jorge Amado, que fez a apresentação da coletânea *Água da fonte*, de 1966, por Paul Rónai, cuja introdução do livro *Terra bárbara* tornou-se uma referência e por Graciliano Ramos, interlocutor e leitor crítico da sua obra), ela é desconhecida do grande público. Uma questão que pode explicar o esquecimento atual da sua contribuição para a literatura brasileira é o fato de ele nunca ter saído do Ceará. Ao contrário dos escritores mais famosos, como José de Alencar e Adolfo Caminha, para citar os que comparecem com mais frequência no cânone nacional, Carvalho aqui permaneceu na luta constante pelos seus ideais. Isso, se o tornou um homem valoroso e comprometido com o povo cearense, por outro lado o afastou do sucesso e de ser conhecido no centro propulsor da cultura nacional, balizador dos talentos literários.

Dentre os aspectos de sua obra que mais chamam a atenção, ganham relevância temas que são recorrentes e fundantes de sua prática literária: *infância, sertão, velhice* e *morte*, amalgamados no percurso das diversas memórias que vai construindo através da rememoração de si, do lugar de origem, do contexto social etc. Além disso, todos esses indicadores temáticos constroem um processo de amadurecimento do homem e da escrita. Por isso, é tão importante o conceito de *formação* dentro de sua obra: pelo olhar do poeta, o real passa por uma apreensão diferenciada, que vai formando o homem e a própria realidade.

Como Carlos Drummond de Andrade em *Boitempo*, o escritor cearense recupera e ressignifica literariamente as experiências que vivenciou em sua infância na Serra do Estêvão, distrito de D. Maurício (Quixadá). As brincadeiras, a solidão, a chuva, a vontade do mar, os amores infantis – são muitos os desdobramentos da poesia que vão construindo o mapa da infância, do sertão e do homem. A lembrança de tais vivências não monta, no entanto, um quadro estático, inerte, para pendurar na parede. Ela, na verdade, investe constantemente suas emoções no presente, modificando-o e dando-lhe um novo sentido. Tal relação dialógica passado-presente tem um impacto profundo no sentido da poesia, dando-lhe uma mobilidade que fala do próprio movimento do humano. Como afirma Jorge Larrosa, essa ação poética revela-se para “alcançar uma nova capacidade afirmativa e uma disponibilidade renovada para o jogo e a invenção” (Larrosa, 2004, p. 46). Ou melhor, “a memória e [as] formas de narrar o passado no presente” são uma maneira de aceder à compreensão do fato literário em sua “experiência estética e afetividade”³.

Entre a palavra e a ação: a voz do poeta

Através do recorte que faremos na poesia de Jáder de Carvalho, tentamos destacar uma *educação literária* (Cosson, 2006). Assim a leitura que propomos foi inicialmente direcionada pelas indagações que estão relacionadas a este conceito, a saber: *quais elementos estão investidos no percurso formativo que agenciam a construção de uma identidade e como a literatura, enquanto fonte e ao mesmo tempo influência, pode estar presente na formação humana?* Dito de outra forma, *em que medida escrever é formar?* A resposta encontra na *poder* da palavra literária o seu direcionamento: o ato da escrita, ao recuperar os fatos da vida, reelabora-os e dá a eles uma nova configuração, tornando-os ativos, isto é, reconstrói o vivido por meio das palavras (Candido, 2004). Conceber assim a literatura como uma ação com fluxo corrente é compreender as palavras como dinâmicas e agentes de transformação. Inscritas no papel, não se tornam estáticas por conta disso, elas continuam produzindo sentido através da *leitura*, acionando um contínuo processo de formação que não cessa de se produzir.

³ As citações deste parágrafo fazem parte da matriz curricular do PROFLETRAS.

Todas essas possibilidades de pensar o texto literário estão inscritas na obra de Carvalho, posto que sua poesia, numa configuração literária múltipla, monta uma linha da vida, um mapa identitário do escritor, do seu tempo e do seu espaço. Faz-se importante advertir que o mapa é fragmentado, com várias vertentes, distante de um conceito de unidade em relação à formação do homem. Por isso, o homem que se revela na poesia leva em conta suas fragilidades, descompassos, tristezas e alegrias.

Como a identidade pressupõe um reconstruir de experiências, sejam elas individuais ou coletivas, é essencial assinalar a importância da *memória* neste processo, pois é a percepção histórica que será o seu impulso como também a sua sustentação. Pensando nisso, apresentamos o poema que introduz o livro *Terra de ninguém* (Carvalho, 1966, p. 171-172)⁴, primeira publicação do poeta (1930), no qual ele desenha um mapa do país e das suas regiões, num esforço que encontra guarida na proposta modernista que vingava então. Sabe-se que o Modernismo brasileiro foi um movimento que enfrentou a questão da identidade nacional de maneira *avant-garde*, destemida e ao mesmo tempo consciente do diapasão amplo da nacionalidade e das feridas da colonização. Este enfrentamento deu ao país uma nova maneira de se ver, um olhar para dentro, que não significava coesão ou estabilidade. Retomou-se, por consequência, a função profética do poeta, seu papel de leitor privilegiado da *realidade* e de responsável pela formação da consciência da nação e do seu futuro.

Brasil,
O Poeta do Amanhã vai apontar-te,
apenas com o indicador,
os rumos que se cruzam no teu destino.
Éle só – e não os que te ofendem,
molhando a pena, o pensamento e a palavra no teu
sangue _
Éle só te conduzirá em procissão na tua própria terra:
para que tu leias o drama do sertão primitivo
no rastro do jagunço
e, dêsse rastro humilde, sintas ressurgir o pé andejo
que, nas romarias para Canudos e Juazeiro,
rasgou estradas reais ao branco retardatário.
[...]
Éle [o Poeta do amanhã] recolherá, uma a uma, as profecias e parábolas dos
teus videntes, [...] ⁵ (grifo nosso)

⁴ Aqui utilizaremos uma edição de 1966, incluída na Coletânea *Água da fonte*.

⁵ Optamos por manter a grafia original das palavras.

A voz que comanda o poema assume-se, logo de início, como detentora de um poder e da capacidade de dar sentido ao mundo através da interferência da palavra poética. O escritor, por isso, corporifica-se em um sujeito ativo, posicionado num lugar que lhe permite refletir sobre o País. Esse empoderamento prega uma aliança entre mundo e linguagem, trazendo para esta última uma força, da qual anda em parte afastada na contemporaneidade⁶. O poeta, distante do beletrismo, apresenta-se como um “doador de memória, de sentido e, de forma radical, de cultura” (Buescu, 2001, p. 88). Consequentemente, dá a ver que somos seres locais, instituídos num tempo e num espaço com características específicas, já que esse conjunto de condições representa uma parte da nossa identidade. Imersos no movimento diário da vida, não nos apercebemos que nossa vivência é plural e condicionada por uma série de ‘memórias’ (“rumos que se cruzam no teu destino”). A poesia, neste caso, nos permite aceder cognitivamente ao mundo por meio de sua confrontação ética e estética (o indicador apontado e a voz altissonante).

A postura incentivada, dentro do escopo da disciplina “Leitura do texto literário”, é a de um posicionamento ativo e protagonista do *leitor* em relação aos textos. No poema, como verificado, essa ação inicialmente é empreendida pelo poeta, que se alça a uma categoria diligente, afastada do estereótipo que mantém equivocadamente o objeto literário distante da chamada ‘vida real’. O protagonismo do poeta, então, estende-se ao ato da leitura e desenvolve no formando uma perspectiva de proximidade: um texto vivo, possível, pulsante, cuja recepção precisa ser intensa e participativa para que haja o compartilhamento do sentido e a identificação entre escritor, leitor, texto e memória. Busca-se, com a interação leitora, desencadear uma troca de experiências (“sintas ressurgir o pé andejo”) que só será possível com a instauração de um leitor ágil, cujo pé voltará a atravessar as memórias reveladas pela voz vidente do poeta.

As formas utilizadas pelo autor para conseguir esse impacto encontram-se na apropriação dos elementos que marcam a identidade nacional. Uma procissão de imagens carregadas de significados é proposta ao leitor (o sertão

⁶ Nos estudos literários contemporâneos, trabalha-se muito com o fracasso da palavra e da comunicação, que resulta na ausência de sentido para as ‘coisas’ do mundo. Tal perspectiva, se tem sua pertinência e seu lugar, por outro lado empobrece a visão da linguagem, pois a destitui da sua força comunicativa.

primitivo e o jagunço são as imagens arquetípicas convocadas, no entanto, mais à frente, outros elementos entram na composição do poema: mar, indígenas, vaqueiros, gaúchos, estrangeiros etc.). Nela, desenha-se um percurso da *história* (fatos e personagens) e da *geografia* (sertão, planalto, planícies) que precisa ser percorrido por aquele que lê (“para que tu leias o drama”). A interdisciplinaridade, então, entra como ação inevitável do processo de leitura. Visitar a história nacional e seus signos mais representativos é recuperar essa mesma história e, se possível, fazer com que a reconstruamos a partir desse desbravamento textual.

A vidência, como condição do exercício poético proposto por Carvalho, não está atrelada somente ao futuro, mas também ao passado. Dessa forma, ao refletir sobre os modos de formação do Brasil, ele recupera a *memória nacional*, que é indispensável para que um povo se reconheça, ou seja, tenha em sua posse a figuração da sua identidade. Por isso, na sequência do livro, os poemas tomam ‘tenência’ de sua função ‘vidente’ e descortinam um país no que ele tem de mais complexo, ou seja, a mistura de uma série de injunções sociais, econômicas e culturais: da colonização à emigração povoadora (“Brasil colonial”, “Vale do sol”, “Retrato do Brasil”), da disparidade de climas e tipos ao canto poético de um povo (“Mulato”, “Cabocla”, “Terra bárbara”, “Alma brasileira”). Não nos alongamos na análise dos poemas deste livro porque o artigo exige uma visada mais ampla, que se estende para outras publicações do autor, mas insistimos na ideia primeira, a do ‘poeta-que-porta-a-voz’, e passamos para a apreciação do último poema da parte I: “Eu canto para os que virão” (Carvalho, 1966, p. 198-199)⁷, que mantém a força do canto como o centro da poesia. O vidente-profeta toma a si a tarefa histórica de ser testemunho de seu tempo, função privilegiada do texto literário, e, através da consciência do passado, projeta um futuro para o país.

Eu canto para os que virão...
Eu lhes dou a a terra ainda primitiva,
com o rastro do índio
e os rios livres e selvagens.
Eu lhes dou a Amazônia ainda com sabor de Gênese,
a caatinga ouvindo o aboio do vaqueiro,
Paulo Afonso, Sete Quedas e Iguaçu com os seus cavalos
adormecidos.
[...]

⁷ Atente-se que o livro *Terra de ninguém* está dividido em duas partes: uma que é dedicada ao Brasil, e uma outra voltada especificamente para o Ceará (“O Ceará do amanhã”). Os dois poemas aqui selecionados são da primeira parte.

Eu lhes dou o Brasil com os montanheseiros de Minas,
simples e puros,
amando a liberdade e a vida na paz serrana de seus retiros.
Eu lhes dou o Brasil com a primeira inquietação proletária
[...]
Cantei o passado
Para que o futuro fôsse mais claro
E o homem de hoje pudesse amar a paisagem morta
E guardar no coração o perfume da terra
e do tempo.
(grifo nosso)

A ação poética encontra sua realização na utilização ativa do verbo *dar*, que se repete ao longo do poema. Já a função de doador, a que nos referimos acima, encaminha a construção estilística e semântica do texto. Utopicamente, numa postura entre romântica, posto que busca um ideal, e moderna, pois intenta uma prática, o poeta pretende repovoar o país. Num esforço que procura subjugar um passado de derrotas e infortúnios, ele livra a terra do sangue da colonização e tenta recuperá-la em sua primitiva imagem (“rios livres e selvagens”). Uma oscilação entre passado (“terra ainda primitiva”), presente (“eu falo”) e futuro (“para os que virão”) confere ao texto uma coexistência de temporalidades históricas.

Imbuído dessa função ‘salvadora’, mas consciente do estado moribundo da nação (“paisagem morta”), importa para ele que o leitor do futuro (crianças e jovens) possa guardar ‘o tempo’, ou seja, o poeta é o responsável pela tradição (“cantei o passado”), que precisa ser redescoberta para que o país por si mesmo se descubra. Ele trata, então, de mapear “os territórios desta memória comum” (Buescu, 2001, p. 87) e assegurar a condição de sua transmissibilidade.

Dentro do processo de leitura que o poema desencadeia, uma dinâmica de agentes sociais introduz-se e exige do leitor uma imersão nas imagens e seus significados de forma crítica e reflexiva. Sem este envolvimento, a identidade é um conceito exterior ao indivíduo e não uma prática compromissada. Assim, a *função comunicacional* do discurso impõe-se. Isso talvez explique o tom de conversação que atravessa os poemas, nos quais as pessoas verbais são bem dispostas. Há claramente um *eu* e um *tu* (o poema pressupõe a existência cúmplice do outro), até porque a comunicação, para acontecer, necessita de um grau de memória compartilhada. Sem esse fundo comum, o presente é um naufrágio iminente.

Identidade e história formam, portanto, a *memória cultural* na qual os indivíduos estão constituídos.

Apresentado, então, o *ethos* que mais está incorporado à figura do poeta - um ser atento ao tempo e ao mundo e disposto a nele intervir (com a companhia do leitor) – e o campo operatório geral das questões propostas, encaminhamo-nos para um outro estado poético, tendo por base a *memória natural* e a *memória pessoal*. Se nos poemas anteriores, o poeta é do país, mergulhamos agora num nível mais intimista, em que o sujeito se dá a ver na relação com uma *natureza* mais próxima, menos grandiosa, aquela que faz par com seu nascimento e primeiras vivências: “Cidadezinha” (Carvalho, 1977, p. 22).

É preciso ter alma de menino,
Para viver nesta cidadezinha,
Refletida no rio onde me banho,
Idealmente, nas manhãs de sol.

Ai, não ser apenas o menino:
É que o menino tenha vindo ao mundo
Numa casinha dessa rua antiga,
Que há séculos dorme ao pé do rio.

Tudo, na minha vida, é de saudade.
Recordo-me de como eu via o mundo:
Devagar, sem barulhos, em silêncio.

O riozinho, de tão velho e morto,
Somente espelha a branca ruazinha
Que nunca vê ninguém: só vê o tempo.

Num cenário menor, estamos ao lado de duas subjetividades (a infância e a natureza) que se constroem de forma imbricada, uma vez que a presença humana requer a presença física para encontrar a sua identidade e a sua expressão. O poema, que está num livro da fase posterior do autor - *Menino só* (1977) - (nele os temas mais nacionais são deixados um pouco de lado e há a imersão num mundo ‘menor’, pedaço de aldeia, e nos pequenos acontecimentos que tomam e dão vida ao poeta), revela os contornos de uma nova consciência, voltada para os dramas interiores.

O poeta fala instado em um presente que mergulha nas impressões do passado e acaba por trazê-lo para sua vida real (“no rio onde me banho/idealmente, nas manhãs de sol”). Essa contiguidade, entretanto, estaciona de certa

forma na melancolia que paralisa o tempo para que seja captado pelo ato poético. Uma cena desenha-se entre dois pontos: um de luz, irradiado pelo sol; outro de sombra, pois o rio, assolado pela idade, perde o contato com a vida e corre somente no curso atemporal do tempo da lembrança.

Se o tom é introspectivo, a natureza permanece como referência, não aquela dos rios selvagens, que fazem a grandeza de uma nação, mas a do riozinho da infância. Ela continua, portanto, como possibilidade de reconhecimento e, no caso da infância, como o *locus* da fundação do ser.

O espaço natural vem marcado por índices que espelham a sua projeção na alma do menino: o sol e o rio. Além disso, ecos de fonte civilizacional emergem em imagens dispersas, que em princípio nos dão a forma de um agrupamento espacial: cidade e rua (evocadas nos seus diminutivos). Entre a natureza e a cidade, tem corpo uma criança, cuja vivência reaparece na nostalgia do adulto. Da mesma forma que o poeta de *Terra de ninguém* propõe uma volta ao passado nacional para que se compreenda o seu presente, em “Cidadezinha” o processo se renova. O homem retoma o seu passado para se sentir no tempo, mesmo que este seja ativado pela saudade. A memória da natureza, então, adquire uma significação especial no mundo afetivo do sujeito lírico, embora se perceba em suas fragilidades. Aqui, o desejo patriótico que é enaltecido pelo ‘Poeta de indicador apontado para o futuro’ desmancha-se nas feridas da *memória pessoal*. Um sujeito à deriva toma corpo no poema e nos revela, por outro lado, a impossibilidade de a natureza e a volta ao passado se transformarem numa alternativa de cura para a ‘doença d’alma’ que aflige o poeta. As recordações permanecem como índice do sujeito, espaços simbólicos que trazem o ser para perto de um tempo que pode ter sido de felicidade.

Verifica-se que o pequeno painel exposto até aqui levou em conta a insurgência de índices históricos e geográficos que incidissem sobre uma memória coletiva e buscou enfatizar as duas dimensões de pertencimento: uma nacional e outra local. As contingências do ser, território da alma humana, que apela para uma universalidade do homem, também se fizeram presentes nas dores do poeta, que se anunciou em suas fraquezas. Isso faz sentido porque acreditamos que conhecer um escritor é conhecer o tempo em que viveu, as cidades que habitou, os valores que defendeu, a estética que elaborou; enfim, é um homem e seu estar-no-mundo, que não podem ficar segregados no passado ou confinados no

esquecimento. O passado, instância viva e móvel, precisa ser constantemente atualizado para que clarifique e redimensione o presente, realocando discussões a fim de que os dispositivos que formam este mesmo presente possam ser reavaliados.

Considerações finais

A opção pelo estudo da obra de Jáder de Carvalho foi marcada pelo fato de suas poesias revelarem *um olhar para si* (o menino e o velho) e *o encontro com o outro* (o país, a natureza, a pobreza). Durante a análise dos poemas fomos apontando, de forma mais geral, tais potencialidades e a recepção que poderiam gerar. Da força da palavra e do engajamento do poeta às alegrias da infância e os desencantos do adulto, foram muitos os estados de espírito vivenciados através da linguagem literária.

Tais experiências pareceram-nos essenciais a uma ação educativa voltada para professores cujos alunos encontram-se numa faixa etária longa (7 aos 14 anos) e decisiva em termos de construção de identidade. Para estes alunos e também para seus formadores, a literatura precisa se constituir tanto como objeto de prazer, função primeira do texto literário, quanto de possibilidade de volta para si como forma de entender sua existência e assim poder dar continuidade ao processo de formação. Encontrar nos textos que estuda pedaços de si, ou seja, fluxos de memória que digam de onde vêm e onde estão, força um encontro entre o aluno e a linguagem decisivo para a manutenção desse diálogo. Da mesma forma, o jogo entre passado, presente e futuro e a presença de uma linguagem simples, mas rica de potencialidades estilísticas, mostraram-se canais competentes para acionar mecanismos de apreensão cognitiva e favorecer o desenvolvimento da capacidade de reflexão de ideias.

Referências

BUESCU, Helena Carvalhão. **Grande angular**: comparatismo e práticas de comparação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2001.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

CARVALHO, Jáder de. **Menino só**. Fortaleza: UFC, 1997.

_____. **Terra bárbara**. Fortaleza: Terra de sol, 1982.

_____. **Água da fonte (col.: Canções do entardecer; Terra bárbara; Ilhota do diabo; Terra de ninguém)**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Recebido: 30/03/2014.

Aceito: 15/06/2014.

